

Os leitores de literatura infantil

RESUMO

A literatura infantil é um importante instrumento para socialização e para o desenvolvimento das crianças. Este artigo tem por objetivo destacar as características do leitor de literatura infantil, a importância da leitura e da imitação para as crianças (os futuros leitores). Esta pesquisa justifica-se por descrever conhecimentos que auxiliem as crianças a serem leitores infantis, antes mesmo de decodificarem letras. O problema que a motivou é a busca de informações que explicitem a relevância da literatura infantil no desenvolvimento de leitores infantis.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura Infantil. Leitor.

ABSTRACT

Children's literature is an important tool for socialization and development of children. This article aims to highlight the characteristics of children's literature reader, the importance of reading and imitation for children (future readers). This research is justified by describing knowledge that helps children to be children's readers, even before decode letters. The problem that motivated is to search for information explaining the importance of children's literature in the development of children's readers.

KEYWORDS: Reading. Children's literature. Reader.

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. O Leitor de Literatura Infantil História Social da Leitura	3
3. Imitação e leitura para crianças	7
4. Concepções de leitura e a importância do ato de ler	9
5. Conclusão	11
6. Referências	11

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo relatar as características do leitor de literatura infantil e a importância da leitura e da imitação para as crianças que ainda não sabem ler. Baseando-se em Maia (2007) é exemplificado o conceito de literatura infantil, de leitura e a importância da imitação para as crianças ou seja, os pré-leitores. Lerner (2002) destaca a importância de se respeitar à natureza social da leitura e os processos construtivos das crianças.

De acordo com Gregorin Filho (2009) são ressaltados os tipos de leitores da literatura infantil. Eles são classificados em pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico. E também destaca os tipos de linguagens - ilustrações que podem ser: pontual, descritiva, narrativa, simbólica, dialógica, estética, lúdica, tradutora e imersiva; tudo isso interfere na maneira como a literatura é vista e trabalhada com as crianças.

Também são detalhados os conceitos, as concepções de leituras e a importância do ato de ler em uma sociedade letrada, baseadas em Kleiman (2002), Martins (1992), Freire (1984), Lajolo (2002), Bamberger (1988), Maia (2007), Kleiman (1989) e Almeida (2010).

2. O LEITOR DE LITERATURA INFANTIL

A criança não precisa dominar o código escrito linguístico para só então, realizar leituras de obras literárias, isto é, antes de decodificar a língua escrita, é fundamental que a criança vivencie atos de leitura, manuseie o livro e faça, ela mesma, tentativas de leitura; as interações sociais são importantes para a criança ampliar suas experiências e, principalmente, para desenvolver a linguagem oral, porque delas emergem diferentes visões de mundo, historicamente determinadas. (MAIA, 2007, p.22).

Quando se refere à literatura infantil é relevante mencionar que os termos leitor e leitura aparecem relacionados de maneira bastante estreita. A leitura pode ter um sentido amplo, como a instância de recepção de diversos tipos de texto. Pode-se ler um texto escrito, um texto visual, o teatro, as pessoas que nos rodeiam e o mundo.

A instância da leitura não é puramente passiva; o leitor, no momento do seu exercício de entender e interpretar os textos que o rodeiam, ativa a sua memória, relaciona fatos e experiências, entra em conflito com valores, coloca vários textos em diálogo.

É importante ressaltar que este tipo de literatura possui diversos tipos de destinatários, com maior ou menor aptidão no uso de linguagens. De acordo com Gregorin Filho (2009) o leitor de literatura infantil pode ser classificado como: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico.

O Pré - Leitor é o indivíduo que ainda não tem a competência de decodificar a linguagem verbal escrita; ele inicia o reconhecimento da realidade que o rodeia pelos contatos afetivos e pelo tato, a imagem tem predomínio absoluto. Nessa primeira fase de construção de leitor são indicados livros de imagem, sem texto verbal, para que a pessoa possa por meio do reconhecimento de sequência de cenas, tomar contato com alguns elementos estruturais da narrativa, como o espaço, as personagens e o tempo. O pré - leitor é o recém-nascido de quinze meses até aproximadamente os cinco anos, é quando o indivíduo ainda não domina o código escrito.

O leitor iniciante é o indivíduo que começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal, ou seja, começa o letramento; a curiosidade sobre o universo cultural e o mundo que se descobre por meio da produção e reconhecimento da palavra escrita ganha espaço sobre a imagem sendo que a última ainda deve predominar; é a fase da socialização e de racionalização da realidade. O leitor iniciante é geralmente a criança de aproximadamente cinco ou seis anos.

O leitor em processo é a criança ou indivíduo que já domina o mecanismo da leitura; o reconhecimento do mundo é aguçado pela organização do pensamento lógico, porém a motivação do adulto ainda é bastante importante para incentivar a pessoa que esta nesta fase. O leitor em processo é geralmente a criança de mais de oito anos e menos de dez.

O leitor fluente é a fase em que se consolida o domínio dos mecanismos que o ato de ler envolve, além de haver mais capacidade de compreensão do universo contido no livro; nesse momento, desenvolve-se o pensamento hipotético-dedutivo, e atividades de reflexão são importantes para o amadurecimento do leitor. Geralmente o leitor fluente tem entre dez e doze anos.

O leitor crítico é a fase em que o indivíduo tem total domínio do processo de leitura, pois a pessoa já estabelece relações entre micro e macro universos textuais, além de entender os processos de semioses especiais presentes no texto; fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. O leitor crítico tem geralmente mais de doze anos.

Estas faixas etárias citadas acima podem variar dependendo da criança do meio e da cultura na qual esta inserida. Por isso, estas idades são aproximadamente. Porém, é muito importante conhecer o tipo de leitor para que o professor ou os pais possam selecionar livros

que estimule as leituras realizadas pelas crianças. Portanto, é essencial que o livro a ser oferecido à criança seja adequado à sua maturidade como leitor, pois um livro com letras miúdas ou com uma extensão maior do que a sua competência de leitor pode entender, constitui fator do afastamento da atividade de leitura ou a da sua rejeição a essa atividade.

Para crianças nem só de palavras se constrói um livro; a ilustração é uma das linguagens não verbais mais recorrentes na obra infantil. Por isso, é importante a função das ilustrações. Para Gregorin Filho (2009) a ilustração pode ser: pontual, descritiva, narrativa, simbólica, dialógica, estética, lúdica, tradutora e imersiva.

- ✓ A ilustração pontual tem como objetivo destacar aspectos do texto ou assinalar seu início e fim. Exemplo dessa função são as letras capitulares que marcam o início dos textos.
- ✓ A descritiva tem a função descritiva da linguagem, permite por meio de uma intersemiose (a construção de significados promovidos por diferentes linguagens, por exemplo, o texto verbal associado às ilustrações), descrever objetos, cenário, personagens etc.
- ✓ A ilustração narrativa tem a função de narrar, por meio de uma outra linguagem, uma ação, cena ou um outro fato mostrado pela linguagem verbal. Este tipo de função está presente nos livros em que a construção se utiliza apenas de ilustração para contar uma história, ou seja, todas as ações são contadas por meio da sequência de textos visuais.
- ✓ A ilustração simbólica é aquela que representa uma ideia, chama a atenção para o caráter metafórico da história ou é a própria metáfora do texto verbal. Essa função por sua própria característica, é muito vinculada a aspectos de ordem cultural, está presente em vários livros, mas o leitor crítico terá mais condições de percebê-la e de ampliar as possibilidades de interpretação do texto.
- ✓ A dialógica é bastante utilizada na literatura infantil contemporânea de qualidade, está presente nas ilustrações que promovem o diálogo com emoções, por meio da postura, gestos e expressões de personagens e outros elementos estruturais da narrativa, além de expressar valores do destinador de caráter social e cultural, acrescentando novos significados ao texto verbal.
- ✓ Na ilustração estética o texto visual é constituído de tal modo que a atenção do leitor se volta para a maneira como a ilustração foi realizada, os materiais e as técnicas nela utilizados. Esta função é, também, frequente na literatura infantil contemporânea, com a ampliação das possibilidades de construção de projetos gráficos inovadores.

- ✓ Na lúdica a ilustração pode se transformar num jogo para o leitor – receptor do texto. Exemplo são os livros cujas ilustrações podem servir de tabuleiros para brincar.
- ✓ Na tradutora a ilustração contribui para as definições e para o entendimento do texto verbal; é a ilustração que auxilia para explicar o texto verbal de maneira criativa e motivadora para o leitor infantil. A ilustração com esta função pode ampliar as possibilidades de interpretação do livro.
- ✓ A imersiva é bastante utilizada nos suportes hipermidiáticos, ela promove a interação do leitor com a obra, apontando caminhos e deixando algumas escolhas para o leitor no seu caminhar pela obra. Toda essa estética da hipertextualidade tem ganhado espaço nos livros de papel, modificando a maneira de conceder a estrutura textual.

Pode-se destacar que as funções não têm existência independente e compartilhada, além de variarem em intensidade, podendo a ilustração assumir características de várias funções.

Na atividade de leitura, o professor pode e deve dialogar com o aluno sobre as relações entre as diversas linguagens que compõem a obra, pois a criança educará o seu olhar para as múltiplas linguagens construtoras dos diversos textos nos quais a sociedade está imersa.

Portanto, um leitor não é somente aquele que consegue ser eficiente na leitura da linguagem verbal em norma culta, mas aquele que consegue ler e traduzir significado as diferentes linguagens presentes nos diversos textos veiculados na sociedade; das normas cultas às gírias, das pinturas acadêmicas dos grandes artistas aos trabalhos de grafite contemporâneos. O bom leitor é o indivíduo que domina a sua própria língua e é competente para ler as possíveis manifestações de linguagem.

Sendo assim, o educador preocupado em ensinar a leitura deve ficar atento às diversas manifestações culturais desenvolvidas pela comunidade da criança ou do adolescente, pois educador formal precisa partir de um lugar cultural conhecido pelo aluno para que se possam inserir novas possibilidades de uso da linguagem e ampliar sua competência discursiva e textual.

Portanto, só se formam leitores por meio de atividades de leitura, e estas devem ser compatíveis com a competência de leitura do indivíduo, mas devem oferecer meios e estímulos para que o leitor vença outras etapas, consiga decifrar novos códigos e se torna cada vez mais competente.

Contudo, aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e torna-se agente de modificações na sociedade em que vive.

Na construção da identidade cultural de um povo, a literatura ocupa lugar de destaque, pois oferece os universos de relações produzidos na história, ou seja, desde os espaços ocupados e de que maneira esses espaços se ocuparam até as transformações nas relações sociais e os símbolos produzidos na e por essa sociedade.

3. IMITAÇÃO E LEITURA PARA CRIANÇAS

Dar á criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúcida da relação real - imaginário. É fornecer-lhe não apenas materiais para construção de sua brincadeira e para a invenção de regras internas dessa brincadeira, mas também materiais para suas construções de histórias. (MAIA apud HELD, 2007, p.85).

Para Maia (2007) a imitação está longe de ser uma atividade de pura repetição mecânica, é a reconstrução de atos observados pela criança. Portanto, na abordagem sociointeracionista, a imitação possibilita a realização de ações que, em tese, estão além de seus limites. Por isso, é importante que as crianças folheiem livros de literatura e fazer de conta que estão lendo, criando estórias a partir das ilustrações, contá-las, bem como rabiscar e desenhar. Essas ações contribuem para o desenvolvimento mental da criança, uma vez que estimulam a linguagem oral, além de construírem etapa importante na posterior produção do próprio texto escrito.

Na tarefa de imitar atos de leitura, a criança não está simplesmente copiando modelos, como acontece quando o professor lhe oferece um texto pronto para copiar no caderno. Se corretamente estimulado, o faz contas que está lendo torna-se uma atividade em que os avanços qualitativos da criança se fazem refletir nos textos orais produzidos por ela depois.

A prática da leitura em voz alta é tão antiga quanto à história da própria escola, promove a troca de ideias, socializa visões de mundo e contribui para a formação do pré-leitor e do leitor iniciante. Entretanto, essa atividade será eficaz na medida em que a leitura for para a criança o momento em que sua voz se faz ouvir, pois é importante que criança se manifeste sobre aquilo que for lido, que seja um momento de interação entre leitor, ouvinte e texto.

Para Lerner (2002) para as crianças serem leitoras são necessário dois requisitos: respeitar a natureza social da leitura e levar em contas os processos construtivos das crianças.

Para respeitar os processos construtivos é preciso respeitar o desenvolvimento da criança, a escola não pode impor a leitura como objeto da escola é necessário que seja objeto da criança, por isso deve partir dela desde o primeiro contato com o livro inteiro, não fragmento de história inserido no livro didático, faz necessário livros de literatura em que a criança tenha contato com os mãos e observe o que contém nele. Que presencie o professor lendo para que ela tenha vontade de ler. E respeitar a natureza social da leitura é reconhecê-la como objeto da sociedade e não como algo restrito no ambiente escolar, lê para atuar em sociedade.

Portanto, os pais e os professores que leem para as crianças e deixam que elas imitem-realizem tentativas de leitura, estará contribuindo, estimulando para que estas crianças despertem o interesse e o gosto pela leitura, mesmo antes delas saberem decodificarem palavras.

4. CONCEPÇÕES DE LEITURA E A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as pessoas ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que vai amar. Pouco a pouco desaparece sob o prazer. (BELLENGER *apud* KLEIMAN, 2002, p. 15).

A leitura ou o ato de ler tem muitas concepções destacarei algumas delas de acordo com os autores: Kleiman, Martins, Lajolo, Bamberger, Freire, Maia, Almeida. O mais significativo do que as concepções de leitura, o indispensável é ser leitor; ter prazer em fazer a leitura, dominar as técnicas desta e ver o significado dela na própria vida. Portanto, a leitura não é só uma atividade no processo educacional, mas sim uma atividade cognitiva, social, histórica e política.

De acordo com Freire (1984, p.11) “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Nesta perspectiva o conceito de leitura está associado à experiência prévia, a visão de mundo, nos conhecimentos anteriores do leitor e na significação que leitor assimilou do texto lido, na visão crítica dele.

Para Maia *apud* Silva (2007) ler é uma tomada de consciência, na qual o indivíduo compreende e interpreta o código escrito e passa a compreender-se no mundo.

Para Martins (1992), a leitura é conceituada com duas caracterizações:

1. Como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva

behaviorista-skinnriana); 2. Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). (MARTINS, 1992, p. 31).

Segundo Gough *apud* Kleiman (1989) a leitura leva a uma atividade de interação entre o pensamento e a linguagem; um processo complexo através do qual o leitor reconstrói, até certo ponto, uma mensagem encodificada por um escritor. Existem três tipos de informações utilizadas simultaneamente no processo: a informação grafo - fônica que inclui informação gráfica, fonológica, bem como a inter-relação entre ambas; a informação sintática, que tem como unidades funcionais padrões sentenciais, marcadores desses padrões e regras transformacionais supridas pelo leitor; e a informação semântica, que inclui tanto vocabulário como conceitos e experiência do leitor.

O aprendizado da leitura faz com que o indivíduo perceba o universo, pois a habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mas intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 2002, p. 25).

Para Martins (2002, p. 4), “aprender a ler significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós mesmos”. De acordo com Paulo Freire *apud* Martins (2002, p.10), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

O ensino de leitura em nossas escolas, pode ser incentivado por professores ou simplesmente, esquecidos, e as atividades em que envolvam a leitura seja uma tarefa tortuosa e mecanizada, pois:

A leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido. (KLEIMAN, 2002, p. 35).

De acordo com Bamberger (1988, p.10) “a leitura é como um processo mental de vários níveis, que contribui para o desenvolvimento do intelecto”. O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro. E a combinação de unidades de pensamento constitui simultaneamente um processo cognitivo e um processo de linguagem. E o treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida, e em antecipar, tendo por base a compreensão do texto precedente. Desta forma, ocasiona a aprendizagem.

Contudo, ler é estabelecer uma comunicação com textos, por meio da busca da compreensão. A aprendizagem da leitura constitui uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades, na medida em que manejam textos cada vez mais complexos e de gêneros variados. Portanto, a aprendizagem da leitura não se restringe aos primeiros anos de vida escolar, por isso, entende-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e por toda a vida. Porém o gosto da leitura deve ser incentivado nos primeiros anos de vida. Pois:

A leitura talvez seja a mais forte ferramenta do cidadão para adentrar no processo de participação social. É a leitura que vai garantir que a criança, o jovem e ainda, o adulto possam acessar, participar, interferir e, portanto, modificar realidades existentes, sejam elas boas ou ruins, em função do processo de letramento. Neste caso, a leitura não significa tão somente decodificar signos linguísticos a olhos vistos, mas lhes dar significados mais amplos, profundos e interligados. (ALMEIDA, 2010, p.43).

Para Almeida (2010) a leitura não quer dizer simplesmente ter condições para lidar com signos linguísticos, com aspectos que têm significados às palavras ou fonológicos, ou ainda, os aspectos que dão significados às palavras acessadas pelo leitor. A leitura de mundo pode surgir da confluência entre aquilo que se lê com aquilo que se viveu ou se vive e, por isso, não se caracteriza como um ato dissociado da política ou da cidadania. Ler o mundo é compará-lo, construí-lo e reinventá-lo a seu modo. Mas para isso acontecer é preciso técnica, competência didática e linguística.

Ler necessita ser um processo diário de construção em que o leitor é colocado em frente aos espaços em branco deixados pelos textos, diante das mais variadas intrigas e das mais complexas situações e, perante qualquer um destes fatos, o texto lhe cobrará uma atitude. Assim, a leitura não é passiva nem pacífica. Ela cobra participação efetiva do leitor. Isto quer dizer que, à medida que os alunos vão acessando do diferentes tipos de gêneros textuais, eles seguem rumo a uma construção de cidadania. Cidadania essa que vai garantir não só a entrada, mas também a permanência nos diferentes espaços sociais. Por isso, ler significa interagir com o mundo, repleto de descobertas, repleto de situações novas e desconfortantes que, às vezes, será pontes entre um mundo e outro. Portanto para Almeida (2010, p.45) “ler é travessia. Ler é caminhada. Ler é um esforço, de onde advém o prazer, muitas vezes, recorrente e garantidor da continuidade do processo”.

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um argumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. (FOUCAMBERT *apud* MAIA, 2007, p.38).

Esses conceitos mencionados são importantes para se conhecer os conceitos de leitura e compreender a significância do ato de ler para que seja possível auxiliar a crianças nesse processo de se tornar leitor.

5. CONCLUSÃO

Diante dos conceitos mencionados nesse artigo cabe-se aos pais e professores estimularem, proporcionarem meios as crianças, para que elas sejam tocadas pelo fantástico mundo da leitura. Para que quando forem adultas, já tenham internalizado o hábito da leitura na sua vida. Pois, torna-se um bom leitor não é fácil e nem difícil é necessário despertar-se ao prazer da leitura e dedicação, porque exige o domínio da linguagem. Mas, a leitura crítica é o único jeito do indivíduo se comunicar de igual para igual com a sociedade e interagir-se no mundo globalizado.

Os professores e pais precisam criar e pesquisar, cada vez mais, meios diversificados para que seus filhos e alunos sejam tocados e incentivados a ler, para que a leitura não se limite ao ambiente escolar e familiar; e sim no pessoal e no social. Para tanto, o máximo que eles conseguirão é proporcionar meios para que as crianças, indivíduos despertem-se ao mundo da leitura. Contudo, só o indivíduo pode sentir o prazer na leitura ou a necessidade dela para atuarem na nossa sociedade democrática. Porque, “os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem” como afirma Mário Quintana, (1973, p. 238).

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de.. Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita. Curitiba: Wak, 2010.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 4ª Ed. São Paulo, SP: Ática, 1988. (Série Educação em Ação).

DELIA, Lerner. **Ler e Escrever na Escola - O Real, o Possível e o Necessário**. São Paulo: Artmed, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1995. v.206.

FREIRE. Paulo. **A Importância do Ato de Ler: Três Artigos Que Se Completam**. 7. ed. São Paulo: Cortez. Campinas, Autores Associados, 1984.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura, Ensino e Pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 9ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 8ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela e MORAES, Silvia. **Leitura e Interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. 2ª Ed. Ática, 2003.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.(Coleção literatura e ensino).

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

QUINTANA, Mário. **Frases e Poemas**. Disponível em: < http://pt.wikiquote.org/wiki/Mario_Quintana >. Acesso em: 10 nov. 2011.